

Complexidade, Educação a Distância e Formação Docente: criação subjetiva e coletiva de autobiografias e projetos para a Educação Básica em Gênero e Diversidade na Escola¹

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky²

Este artigo trata da pesquisa desenvolvida entre os anos de 2013 e 2016 junto ao Projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE - UFABC), que tivemos a oportunidade de coordenar nesse período, financiado por políticas públicas de Educação e Direitos Humanos do Ministério da Educação - MEC/FNDE, em parceria com a então recém criada Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania do município de São Paulo.

O projeto propôs um Curso de Aperfeiçoamento em Educação a Distância voltado para a formação continuada de professores/as da educação básica e para a comunidade em geral. As atividades foram realizadas a partir de conteúdos num Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e de encontros presenciais na universidade, bem como em oito pólos distribuídos nos Centros Educacionais Unificados (CEUs - Azul da Cor do Mar, São Mateus, São Rafael, Butantã, Perus, Paraisópolis, Navegantes e Vila do Sol) da Prefeitura de São Paulo, o que caracterizou o Curso como semi-presencial.

O GDE - UFABC desencadeou um processo de trabalho pedagógico com metodologia colaborativa, por meio do qual os/as cursistas produziram diários com suas histórias de vida e, a partir do esforço autobiográfico, de autoconhecimento em conjunto com o reconhecimento da própria realidade vivida em suas comunidades, criaram projetos em torno dos Eixos Temáticos Diversidade, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais, desenvolvidos nas escolas.

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 11 - Educação a distância / Educação online / Métodos e processos pedagógicos do IX Simpósio Nacional da ABCIBER

². Pesquisadora e Professora da Universidade Federal do ABC - UFABC. É Doutora em História Econômica (USP) com Pós-Doutorado em História da Ciência (PUC/SP), participa do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA - PUC/SP) e do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). e-mail: andrea.santos@ufabc.edu.br

Durante o processo de trabalho, em virtude das dificuldades apontadas pelos/as cursistas e tutoria, foram utilizados dois AVA's diferentes e, por fim, foi construída uma nova plataforma digital, buscando organizar, reunir e dar publicidade ao conteúdo do Curso GDE, juntamente com uma parte expressiva dos diários e projetos elaborados por educadoras/es e trabalhadores/as da rede municipal de ensino de São Paulo, disponibilizando tudo em formato de curso livre e banco de dados de projetos e materiais didáticos, acessível publicamente na internet.

A plataforma DigitalPlural surgiu a partir dos recursos do Projeto Gênero e Diversidade na Escola - GDE UFABC, que coordeno. Esse projeto, que começamos a negociar com a Prefeitura de SP e o MEC, desde 2013, ofertou um curso de aperfeiçoamento para 500 professores, entre 2015 e 2016. Nós formamos cerca de 300 pessoas e, nesse processo, desde 2015, tivemos a ideia de criação de uma plataforma digital colaborativa, pois tivemos muitas dificuldades com o Tidia, o ambiente virtual de aprendizagem que a UFABC nos ofereceu, e que não deu conta das nossas necessidades.

DigitalPlural: criação colaborativa em inovação de ambientes virtuais de aprendizagem

Buscamos criar uma plataforma que fosse de acordo com a ideia de inovação social em educação, ciência, arte e tecnologias, trabalhando com a cultura digital livre para democratizar o acesso a esses bens culturais, especialmente com as comunidades escolares das periferias da cidade de São Paulo, nos CEUs,.

Na pesquisa que desenvolveu-se a partir da plataforma experimental que criada anteriormente em Moodle, considerando a interação dos professores, constatamos que precisávamos de uma mistura de ambiente virtual de aprendizagem com rede social de aprendizagem, acessível também em dispositivos portáteis como *smartphones* e que pudesse fomentar a criação de novos aplicativos também, para que de fato tivéssemos uma ferramenta inovadora, democrática, gratuita e colaborativa.

Quando os recursos financeiros do projeto Gênero e Diversidade na Escola foram liberados para realizar esse projeto em 2016 por meio de licitação, conseguimos planejar

junto à empresa contratada a plataforma para ser instalada em domínio da UFABC o que, cabe ressaltar, ocorreu com grandes dificuldades.

Ao trabalhar com o Danilo Barbato, responsável pelo design e pela implementação da plataforma, constatamos que melhor seria ao invés de criar uma proposta de programação do zero, utilizar e aperfeiçoar os conhecimentos que já existiam em software livre, como o *WordPress*, uma solução que facilitaria posteriores atualizações da plataforma sem que houvesse a restrição técnica ou obsolência/dificuldades de atualização por conta de domínio exclusivo dos códigos de programação num projeto feito desde o início com desenvolvimento sem ser em software livre.

Todas essas questões e os resultados do nosso trabalho foram apresentados na Inovateca, espaço de trabalho ligado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão da Inovação da UFABC, coordenada pela professora Luciana Pereira, e com a presença de professoras do nosso programa nas áreas de Engenharia da Computação, Engenharia de Produção e Economia, grupo de pesquisa e discussão que, somado ao Danilo Barbato, bacharel em Letras e tecnólogo em Jogos Digitais, configurou-se assim em um grupo interdisciplinar.

Além disso, no nosso projeto, depois de disponibilizar como curso livre e aberto o conteúdo público do Curso GDE, previmos a criação de novos cursos, sobre cultura digital, diversidades culturais, arte, ciência e tecnologias, entre outros assuntos, sendo alguns desses cursos inspirados em disciplinas e estudos que já fazemos há alguns anos na UFABC. Além de ofertar cursos livres, por ser uma rede social de aprendizagem com AVA, podemos também fazer grupos colaborativos de desenvolvimento e circulação de projetos sobre diversos temas.

Por tratar-se de um projeto com recursos públicos, entende-se como imprescindível que sua disponibilização também fosse pública, o que nos levou a um estudo interessante sobre cultura digital livre, como criar e compartilhar coletivamente conhecimentos e projetos em rede, discutindo autoria e propriedade intelectual a partir do Creative Commons e copyleft, no caso de livros. Isso nos remete ao fato de que estão sendo disponibilizados publicamente 12 livros em formato de ebook produzidos no GDE-UFABC, também financiados pelo MEC, em colaboração com cursistas de oito CEU's, além de

pesquisadores de várias universidades que também possuem projetos semelhantes ao GDE. Significa que tudo que está lá pode ser compartilhado, citado, mas não pode ser comercializado, pois foi feito dentro de um projeto de formação docente com financiamento público, pensando inovação social em diálogo com a escola e a universidade pública.

Na DigitalPlural é possível e indicado a navegar pelos conteúdos, verificando a pesquisa e leitura dos conteúdos e as interações nas funções concebidas como as de uma rede social de aprendizagem. Para sua concepção, foram testadas diversas plataformas de redes sociais, CMSs e de ensino, nas quais não conseguimos encontrar os atributos desejados ao curso. Pois, pelos requisitos elencados, havia grande necessidade de interação social e facilidade de conteúdos textuais e imagéticos, porém sem uso de controle de notas, presenças e datas fechadas. Partimos do critério de cursos com conteúdos abertos, participação e interação aberta e certificação (externa à plataforma) para aqueles que enviarem projetos e experiências, além de reunião presencial, ou seja, o sistema de avaliação é manual e individual. Como necessidade do projeto, há o compartilhamento e não linearidade dos conteúdos, além do não atrelamento a tempos e prazos únicos para cursistas, flexibilizando-os conforme o percurso de aprendizado feito na plataforma.

Com isso, a plataforma é direcionada à Aprendizagem Social, através de publicação e organização de conteúdos (base de CMS), com grande interação dos membros (funções de rede social) com cada curso sendo um grupo da rede. Mas com todos os conteúdos abertos e indexados nos buscadores para ser um facilitador dos conteúdos, além da possibilidade de cadastro e certificação, mistura de rede social e blog, com uso de *timeline*, mas com blocos de áreas específicas e elementos estáticos e conteúdo colaborativo com controle por moderadores voluntários.

O cadastro será aberto e público e a participação encorajada. Para professores/as e mediadores/as há a opção de criação e organização dos conteúdos (com possível reutilização pela própria organização das páginas) e criação de grupos da rede (abertos ou fechados) para o curso em geral ou para uma sessão específica de aplicação do curso.

É esperado que, com os primeiros acessos, algumas funções como facilitadoras da organização de conteúdos, sejam sugeridas pelos usuários. E, com os primeiros usos reais, são esperadas sugestões de melhorias de interação e publicação na rede.

Entre os requisitos técnicos elencados, destacam-se:

01 - O Acesso ao conteúdo do curso é aberto:

É necessário verificar constantemente a possibilidade/necessidade de quais conteúdos serão disponibilizados (pois às vezes não é ideal liberar todos os conteúdos):

- Wikis
- Fóruns
- Timeline
- Conteúdo base
- Dados de usuários
- Mapa de Projetos
- Mapa de Experiências

02 - Os conteúdos podem ser acessados de forma não linear

Todos os eixos e subtópicos devem estar disponíveis ao usuário para que seja feita a navegação conforme quiser.

03 - Os conteúdos permitem interação via acesso restrito (logado)

Aqueles que desejarem, poderão fazer cadastro para poder comentar, editar e criar conteúdos.

- Há possibilidade de edição e publicação de conteúdos pelos usuários logados;
- Haverá mediação manual através de moderadores voluntários;

04 - Os cursos dão certificados de curso livre para aqueles que desejarem fazer todas as atividades (controle manual):

Além do cadastro, o usuário deverá:

- Verificar os conteúdos no tempo que preferir;
- Participar nos fóruns;
- Participar de encontro presencial;
- Criar Projeto e Memorial (relato/registro de sua própria experiência ao longo do Curso GDEUFABC);

- Criar e expor Projeto de Intervenção (Projeto desenvolvido ou a desenvolver).

05 - O conteúdo base já existia (não completo) em portal Moodle próprio, desenvolvido também em caráter experimental:

Sempre há novos conteúdos sendo criados que serão adicionados ao curso, como os e-books e vídeos.

06 - O curso de aperfeiçoamento "Gênero e Diversidade na Escola" na modalidade EAD possui quatro módulos:

São quatro tópicos, cada qual com subtópicos, conforme:

- *Módulo 1 – Diversidade*

U1 – Cultura e diversidade cultural;

U2 – Etnocentrismo, estereótipo e preconceito;

U3 – A dinâmica cultural, o respeito e a valorização da diversidade e da participação juvenil nas políticas públicas.

- *Módulo 2 – Gênero*

U1 – Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social;

U2 – A importância dos movimentos sociais na luta contra as desigualdades de gênero;

U3 – Gênero no cotidiano escolar.

- *Módulo 3 – Sexualidade*

U1 – Dimensão conceitual, diversidade, discriminação;

U2 – Sexualidade, direitos e educação;

U3 – Sexualidade no cotidiano escolar, gravidez na adolescência e relações intergeracionais.

- *Módulo 4 – Relações Étnico-Raciais*

U1 – Construção histórica do racismo;

U2 – Desigualdade racial;

U3 – Igualdade étnico-racial se aprende na escola.

07 - Os conteúdos do curso serão acrescidos dos conteúdos colaborativos.

O conteúdo de cada eixo consiste de conteúdo base dividido em subtópicos, porém os conteúdos poderão ser editados manualmente para inclusão de novos conteúdos e recomendações dos usuários.

08 - Agrupamento do Mapa de projetos.

Nos livros didáticos produzidos com professores/as do Curso GDE UFABC, os projetos são agrupados por eixos, porém no site, o ideal é que possam existir categorias e busca por filtros com base em: Nome, Escola e Título. A proposta de exibição e filtro dos Mapa deve ser visual.

Cada projeto deverá exibir sua proposta e contato.

09 - Não há identidade digital concreta do projeto.

Não há logo, cores ou elementos concretos específicos como identidade digital do projeto. Trata-se de um processo criativo compartilhado, que pode se transformar ao longo do tempo.

A recomendação é de uso de cores e elementos imagéticos que representem a pluralidade e diversidade cultural, além de referências à rede.

O layout pressupõem disposição não linear, porém deve agrupar e separar seus cursos, eixos e áreas específicas para melhor navegação dos usuários.

10 - Público alvo não nativo digital.

Muitos os usuários que participaram ou irão realizar o curso não possuem grande familiaridade com plataformas digitais e suas tecnologias, de forma que este fato deva ser considerado no estudo de arquitetura e usabilidade.

11 - O acesso em dispositivos móveis deverá ser planejado e testado.

Deverá existir adequação dos elementos do portal para versões responsivas em tamanhos definidos.

12 - Recursos indicados como interessantes:

- O filtro de timeline por tipos específicos (textos, imagens entre outros) do SocialKit foi apontado como interessante, porém limitado, sendo que passa a ser de

relevância quando possível utilizar categorias com base no curso (os 4 eixos, por exemplo);

- O uso de multimídia na postagem via timeline com possibilidade de busca de áudio em SoundCloud e vídeo no Youtube também do SocialKit foi apontado como interessante.

Ambos elementos são de redes sociais e funcionalidades específicas. A viabilidade de seu desenvolvimento é estudada permanentemente, porém há grande complexidade em sua implementação para incorporação no projeto e desenvolvimento da plataforma digital.

13 - Outros cursos:

Apesar da criação da plataforma com foco específico no curso GDE, ela foi pensada para existir a possibilidade de criação de outros cursos na mesma plataforma, com temáticos de Inovação, Direitos Humanos e Diversidade, com sugestões como "Direitos Humanos e Cultura digital" e "Tecnologias e Gênero", entre outros.

Discussão sobre modelos comerciais para plataformas digitais³

Os modelos comerciais para plataformas digitais referem-se ao modo de cobrança e direitos sobre seu uso, desenvolvimento e customização e podem ser divididos entre três tipos:

Open Source, ou seja, de código aberto e gratuito;

Híbridas, onde plataformas open source são customizadas;

Proprietárias, onde o código é fechado e pago para uso;

Plataformas Open Source oferecem custos iniciais mais baixos, porém podem esconder maiores custos quando não planejado corretamente. São necessárias customizações para adequação às necessidades específicas e estilização seguindo identidade digital própria.

³ BARBATO, Danilo Sartorelli. "Modelos comerciais para plataformas digitais", texto apresentado no âmbito do desenvolvimento da plataforma DigitalPlural para o projeto Gênero e Diversidade na Escola UFABC, exposto aqui para compor nossas reflexões técnicas e conceituais em torno da criação e dos testes feitos para a plataforma.

A escolha da comunidade que mantém a plataforma também é muito importante para entender a frequência de atualização e garantir sua continuidade em médio-longo prazo.

Dentro dos três modelos podemos encontrar produtos fechados, onde há baixo nível de customização permitida, como substituir logo, escolha de cores e módulos a incluir, com alta complexidade para customização de funcionalidades. Esses produtos, apesar de atender às necessidades iniciais, exige a migração ou customizações caras para criação de melhorias com o passar do tempo, por isso devem ser evitados quando possível para projetos com ciclo de vida de médio ou longo prazo.

Pensando no compartilhamento, implementação e contribuições o projeto foi desenvolvido em PHP+MySQL utilizando o CMS WordPress como base.

Com isso há o não bloqueio da instalação na infraestrutura da instituição, por não ser uma plataforma de ensino concorrente à utilizada (como seria o caso do Moodle) e há facilidade para criação e disponibilização do sistema pelas mais diversas equipes de desenvolvimento (como houve receptibilidade pela equipe de infraestrutura da instituição para liberação do ambiente).

O uso de banco de dados MySQL facilita o backup e tratamento dos dados pela amplitude de seu uso, sendo relacional e possuindo diversos profissionais especializados nele.

A linguagem PHP e o CMS WordPress também foram escolhidos para facilitar a colaboração e manutenção do código, devida a alta quantidade de programadores da linguagem e especialistas no CMS, evitando que o sistema fique sem atualizações de segurança, de seus plugins e com possibilidade de quase qualquer equipe de desenvolvimento efetuar a implementação, manutenção e desenvolvimentos para o sistema, com grande facilidade na customização de funções e temas.

Open Source

Código aberto, ou Open Source em inglês é um termo, OSI (Open Source Initiative), referente ao código-fonte de um software ser aberto e disponibilizado a todos.

Há 10 características necessárias para ser considerado software de código aberto pelas diretrizes da OSI:

Distribuição livre – o acesso não pode ser restringido;

Código fonte – o código deve ser legível e ser disponibilizado;

Trabalhos derivados – trabalhos derivados podem ser feitos e distribuídos sobre a mesma licença;

Integridade do autor do código fonte – distribuição das modificações é permitido, mas pode ser indicado uso de versão diferenciada;

Não discriminação contra pessoas ou grupos – disponível a todos;

Não discriminação contra áreas de atuação – disponível para empresas, pessoas e todos os ramos e áreas;

Distribuição da Licença – licença igual para toda a redistribuição;

Licença não específica a um produto – licença não dependente de outro software;

Licença não restrinja outros programas - licença sobre todo o software;

Licença neutra em relação à tecnologia – licença não pode restringir interface, estilo ou tecnologia;

Mesmo com essas diversas regras, ainda há grande diversidade entre as licenças de distribuição de software open source. No site Open Source (<https://opensource.org/licenses/category>) é possível verificar os tipos existentes, organizados por categorias nesse link.

Para citar alguns exemplos, iremos apontar dois extremos:

GPL, requisita que todo código e arquivo ligado a um arquivo dessa licença também deva ser GPL.

BSD, Berkeley Software Distribution, aberto a alterações sem retorno a comunidade e até mesmo criação de produtos proprietários sobre o código dessa licença.

Há diversos tipos entre os dois, como a MPL (Mozilla Public Licence), que exige a mesma licença apenas nos arquivos que utilizam o código-fonte, mas que outros arquivos do projeto que não utilizem tenham licenças diferentes.

Dessa forma, é necessário verificar as licenças de uso dos softwares utilizados como base para não criar um modelo de negócios onde oferta-se um produto proprietário sobre código que exige ser aberto, total ou parcialmente.

Com base na alta complexidade do uso de licenças que foi criado o projeto de Creative Commons.

Creative Commons

O Creative Commons é um sistema de licenças criados pensando nos direitos autorais e seu uso para ser utilizado de forma simplificada através de suas siglas.

As licenças permitem o compartilhamento de conteúdos criados mesmo que utilizem base (textos, músicas, filmes, imagens) que estejam marcados com as mesmas licenças.

As licenças também variam da proibição total à liberação total dos direitos - domínio público, auxiliando a manter os direitos autorais no uso e compartilhamento por terceiros.

A licença sugerida é a Creative Commons BY-NC-SA, onde é permitido copiar, distribuir, exibir e criar obras derivadas com a condição de dar crédito ao autor original conforme especificado na obra. Essa versão da licença proíbe o uso comercial da obra e de seus derivados e obriga o uso da mesma licença para as obras derivadas dela, mantendo o nível de compartilhamento.

É possível acessar a versão resumida da licença CC BY-NC-SA em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/X>

*Para ler a versão completa da licença CC BY-NC-SA, acessar:
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcodeX>*

Modelos de desenvolvimento de software

Há basicamente dois modelos de desenvolvimento de software e de plataformas digitais atualmente, o modelo cascata e o modelo incremental.

Modelos Cascata

O modelo cascata ficou muito conhecido na década de 70 e muito utilizado em software houses, empresas centradas no desenvolvimento de softwares, onde há um escopo bem definido, com detalhamento de cada módulo, interação e saídas antes do início do desenvolvimento. Este é um modelo hierárquico, onde a saída de uma etapa torna-se a entrada da posterior e segue padrões rígidos para etapas de especificação de requisitos, arquitetura, detalhamento do design e programação e testes.

Esse método é muito bem estruturado e é possível identificar falhas e atrasos no cronograma facilmente com base nas especificações iniciais, porém há baixa capacidade de readequação de escopo, possui prazos longos, cada atraso em qualquer etapa acarreta atrasos no final e não há entregas entre as fases de desenvolvimento para feedback.

Modelos Iterativos

Também conhecido como modelo incremental e iterativo por serem tratados em conjunto na maioria das vezes. Incremental por possuir estágios modularizados, onde partes podem ser desenvolvidas em paralelos e integradas posteriormente e Iterativo por ser baseada em estratégia de retrabalho com revisão de melhorias das partes em iterações contínuas.

Nem toda saída de um incremental será entrada para o seguinte, mas o ideal é que a cada ciclo exista feedback com os stakeholders e que lições sejam aprendidas para melhoria nas próximas etapas. Há grande flexibilidade para alterações de requisitos e escopo e grande ajuste de expectativas por participação direta dos clientes e usuários nos ciclos de desenvolvimento. Com isso porém, o produto final pode ser muito diferente do inicial e é possível que, sem controle, novos requisitos sejam adicionados constantemente fazendo que nunca exista uma entrega final.

Implementação e manutenção de plataformas digitais

A implementação e manutenção de plataformas digitais precisa considerar os diferentes ambientes necessários, as migrações, atualizações de segurança e melhorias da aplicação durante todo o ciclo de vida dela.

Modelos Iterativos

O desenvolvimento de aplicações de plataformas digitais normalmente exigem a existência de três ambientes diferenciados:

Ambiente de Desenvolvimento: ambiente onde as aplicações serão desenvolvidas, podendo ser a própria máquina do desenvolvedor

Ambiente de Homologação: ambiente que replica, dentro do possível, a arquitetura, configuração, aplicações e conteúdos de produção para que atualizações possam ser aplicadas e testadas antes de ir para o ar.

Ambiente de Produção: ambiente final de produção onde os acessos dos usuários finais é feito.

A não existência de um ambiente de homologação, ou a diferença entre ele e o de produção, normalmente por falta de atualização de conteúdo, é um alto risco pois possibilidade em testes incorretos e aplicação em produção de funcionalidades incorretas ou até mesmo quebra da plataforma.

O desenvolvimento inicial também exige o ambiente de desenvolvimento (onde é desenvolvido) e o ambiente de homologação (onde é testado com conteúdos), podendo também ter um ambiente de pré-produção (o que irá para produção assim que aprovado).

Para o projeto há o ambiente de desenvolvimento fechado da equipe de desenvolvimento e o ambiente de homologação como sub-domínio da empresa contratada:

<http://genero.trimode.com.brX>

O ambiente de Homologação não deve ser divulgado externamente, apenas para a equipe de testes e homologação dos desenvolvimentos.

O ambiente de pré-produção, futuro ambiente de produção está sendo criado nos servidores da UFABC para uso em domínio próprio da instituição.

É importante destacar que o curso GDE, realizado há uma década por todo o Brasil, em caráter de extensão, aperfeiçoamento e pós-graduação, contou com uma estratégia inovadora. Foram apresentados aos/às participantes, para escolha ou trabalho simultâneo, os vários Eixos Temáticos: Diversidade, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais. Foram solicitados como trabalhos a construção de diários que dialogassem com cada Eixo Temático e que se constituíssem em fragmentos autobiográficos reunidos num Memorial. O objetivo foi favorecer a produção de testemunhos e autoconhecimento, trazendo à tona a intersubjetividade e o protagonismo dos/as colaboradores/as sobre a própria realidade pessoal e profissional transposta para a comunidade.

A partir da etapa inicial, os/as participantes elaboraram projetos derivados de suas experiências e dos dilemas que enfrentam no cotidiano escolar. Esses projetos dão conta de uma multiplicidade de temáticas transversais que percorrem as atividades pedagógicas. Em função disso, foi construída uma agenda atenta ao pertencimento de toda comunidade escolar na formação humana em geral. O objetivo foi o enfrentamento de preconceitos expressos ou velados de situações que, de uma ou outra forma, inibem a garantia de direitos humanos básicos. Como condição fundamental, visou-se o direito democrático do exercício da cidadania.

Sobre ser tutora do GDE UFABC⁴

“Quando soube pelas redes sociais que havia um processo seletivo aberto para o Curso de Aperfeiçoamento Gênero e Diversidade na Escola pela UFABC, logo corri para me inscrever. Na época, estava fazendo aprimoramento profissional em Saúde Coletiva e, como não estava atuando como professora, fiquei com medo de não conseguir ser selecionada. Foi então que soube da seleção para a equipe de tutoria e lá fui eu me aventurar. Depois de alguns contratemplos, documentação e tudo o mais, virei tutora EaD voluntária do GDE.

Mas como cheguei até aqui? Tudo começou no terceiro ano da faculdade de Ciências da Natureza da USP, quando tentei bolsas de auxílio permanência estudantil e fui uma das selecionadas para o projeto “Saúde e Prevenção na Universidade”. Tudo muito novo. Tive a oportunidade de conhecer a Bete, Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz, coordenadora do projeto, e as alunas do curso de graduação em Obstetrícia. Nossa, como eu aprendi e ainda aprendo com todas elas! De todos os trabalhos que desenvolvíamos, o que eu mais gostava eram as atividades realizadas nas escolas. Abordávamos, com as alunas e os alunos, temas como educação para as sexualidades, diversidade, gênero, prevenção, gravidez e, para isso, precisei estudar bastante, participar de eventos sobre essas temáticas e de um grupo de estudos.

Fui capturada! Gostei muito de trabalhar com esses assuntos, inclusive porque me proporcionaram a possibilidade de refletir sobre minha própria adolescência e juventude, o que me levou a desenvolver um estágio obrigatório e um Trabalho de Conclusão que versassem sobre os mesmos temas.

Então formada e fazendo aprimoramento, começo a atuar como tutora voluntária do GDE. Que medo! Que medo de não saber ser uma boa tutora, de não saber atender às

necessidades das/dos cursistas, que medo de não atender às expectativas da coordenação e minhas próprias expectativas, claro! E o que foi ser tutora do GDE? Bem, foi uma bai-ta

⁴ Relato de autoria de Tais Tesser, professora de Ciências e tutora do GDE UFABC, retirado do livro Políticas e Direitos (TESSER, 2016).

experiência. Sem dúvida que todas as experiências já vividas por mim vieram a somar e foram fundamentais para o desenvolvimento das minhas atividades no GDE.

Existem vários pontos sobre os quais eu poderia falar infinitamente, mas destacarei os que mais me marcaram, começando pela metodologia empregada. Eu não havia trabalhado como tutora EaD antes, mas já tinha feito alguns cursos e, geralmente, eles são bem tradicionais, existem prazos e somos avaliadas/avaliados por notas, porém com o GDE foi diferente e acredito que esse tenha sido um dos motivos que me fez gostar. As/os cursistas puderam começar e seguir o curso da maneira que mais lhes era conveniente. A partir de suas próprias experiências, necessidades, angústias, preocupações, tabus, conceitos, desconstruções, barreiras, facilidades. Cada uma/um pôde escolher como caminhar, respeitando-se a individualidade de cada cursista. Elas, eles e nós escrevíamos diários. Isso, diários! Desabafando, contando, questionando, trocando os diferentes saberes e sentimentos que aquela temática nos trazia. Com a turma com a qual tive o privilégio de trabalhar, a árvore Pau-Brasil, juntamente com outro companheiro de tutoria, foi possível observar o quanto cada uma/um conseguiu se envolver cada vez mais com assuntos já sabidos, vividos, conhecidos, mas que não as/os impediram de circular pelos temas menos próximos. Isso me levou a pensar que se tivermos (e aqui eu me incluo) dificuldades mais acentuadas com algumas temáticas, mas nunca trabalharmos de alguma maneira com elas, estas permanecerão distantes, de mais difícil acesso, serão deixadas para lá, esquecidas...

Ao passo que, ao termos uma oportunidade, ainda que timidamente, de estudarmos, discutirmos e trocarmos saberes e experiências, nos aproximamos mais do que antes era distante e algumas barreiras vão se esvaindo, dando abertura a um mundo de possibilidades, pluralidade e diversidade.

“Mas então vocês trocavam diários?” Sim, nós trocávamos diários! “Como as avaliações eram feitas? Tinham notas?” Não, não tinham notas. As devolutivas eram dadas uma a uma, a cada diário enviado. Os diários e as devolutivas nos permitiram conhecer melhor umas às outras, umas aos outros, uns aos outros, trocar experiências, referências, dicas de como trabalhar os assuntos abordados no GDE e por aí vai.

“Tiveram encontros presenciais?” Sim, tiveram! Primeiro que a sacada de também tornar os encontros presenciais para quem era cursista, em oficinas abertas para o público

interessado na temática, foi muito bacana. Além da participação das/dos cursistas, foi possível contar com as vivências e experiências de militantes de coletivos, de profissionais da educação e de áreas diversas, muitas pessoas interessadas, de alguma maneira e por motivos diferentes, nos assuntos abordados, enriquecendo ainda mais a formação de todas e todos presentes. A cada encontro aprendíamos mais, através dos relatos daquelas e daqueles que se sentiam tocados e à vontade para nos contar suas histórias, coisas muito pessoais, inclusive, que nos possibilitaram enxergar e conhecer outras realidades, nos sensibilizarmos com a outra e o outro, além de poder entrelaçar a teoria com as atitudes do cotidiano e as práticas profissionais.

Outra coisa muito interessante que aconteceu foi que, como cada uma/um tem seus horários, tarefas, lazeres, combinamos e montamos um grupo no WhatsApp que está na ativa até hoje, a pedido das/dos cursistas. Inicialmente, o grupo serviria para o esclarecimento de dúvidas rápidas sobre o curso, mas logo se tornou um meio de troca de informações, cursos, palestras, material didático sobre assuntos variados dentro da educação, como questões étnico-raciais, pluralidade cultural, LGBT, racismo, gênero, feminismo, sexualidade etc, ou seja, ainda temos contato com algumas/alguns cursistas, sim!

A meu ver, todas essas estratégias, e algumas outras, possibilitaram uma quebra na relação tutora/tutor e cursista, que eu não tive em nenhum outro curso que já fiz e, olha, foram alguns, viu! Acredito muito que essa proximidade facilitou nosso trabalho, principalmente quando precisávamos abordar assuntos tidos como mais “difíceis”. Respeitar o caminhar de cada uma/um, valorizar as vivências e experiências e disponibilizar material e estudos a todas/todos, inclusive para tutoras/tutores, possibilitou um jogo mais aberto, mais sinceridade na execução das tarefas, proporcionando bastante aprendizado e desconstrução.

Ser tutora do GDE foi uma experiência muito importante. Através dos estudos, das conversas nos encontros presenciais, leitura dos diários e trocas nos fóruns, foi possível conhecer mais e melhor a realidade do trabalho desses assuntos nas escolas, oportunidade que poucos ou, arrisco dizer, nenhum estudo poderia me proporcionar. Escutar diretamente de quem está ali, no dia a dia da escola, ao lado das/dos jovens, todo o mecanismo envolvido na abordagem dessas temáticas em aulas, atividades, tentar entender as barreiras e pensar juntas e juntos em estratégias facilitadoras, foi um tremendo aprendizado. Apesar das diversas dificuldades enfrentadas ao longo do curso, sabendo que percorremos

juntas e juntos apenas um trecho de todo a caminhada, digo que o GDE foi uma grande oportunidade para avançarmos passos na luta pela redução das desigualdades, pelo fortalecimento de políticas públicas e estratégias de educação para equidade, pela formação de professoras e professores para o trabalho com as diversidades.

Formação através de histórias em diários

Como a metodologia empregada pelo GDE foi diferenciada da maioria dos cursos de EaD que conhecemos, no início, todas e todos, inclusive tutoras e tutores, tivemos dificuldades para entender como o curso se daria, pois estávamos acostumadas/acostumados a prazos, cobranças e notas. Apesar do estranhamento inicial, com o tempo foi possível notar a diferença e importância dessa outra maneira de se realizar um curso. No começo, algumas/alguns cursistas montavam seus diários com trechos das teorias estudadas, com referências bibliográficas e somente com o tempo e com a liberdade que nos foi dada, Conseguimos ir afinando que o importante seria trazer as leituras, os temas dos materiais e documentários, para a realidade de cada uma/um, refletindo sobre as atitudes, sentimentos, lembranças que tudo aquilo nós trazia. Com o decorrer das atividades, a escrita dos diários passou a ser uma troca de histórias, arraigada de emoções, sentimentos e a realidade vivida por cada cursista e tutora/tutor, seja no ambiente familiar, entre amigos e amigas ou profissional, em que as temáticas trazidas pelo GDE sempre estão presentes. Nossa, foram muitas emoções! Por diversas vezes me percebi emocionada ao ler um diário e ao repensar a minha própria trajetória.

Acredito que a construção dos memoriais se deu tranquilamente, pois na chegada dessa tarefa estávamos bem mais ambientadas/ambientados com o sistema e com a metodologia. Depois de algumas arestas aparadas, memoriais lindíssimos surgiram, assim como ocorreu com os projetos de intervenção. Ah, os projetos de intervenção! Foram diversos, cada um sobre um ou mais temas, alguns para educação infantil, ensino fundamental e médio e outros, que me chamaram bastante a atenção, para a formação continuada de educadoras e educadores. Assim, vejo que, para além da formação das/os cursistas, estas/estes puderam se transformar em multiplicadoras/multiplicadores de todo o estudo e experiência que vivemos ao longo do GDE.” (TESSER, 2016)

O mapeamento dos diferentes projetos exigiu que fossem levados em conta os pressupostos existentes nas variadas condições da cultura escolar. Com isto, garante-se na própria formatação da plataforma digital, com os conteúdos do curso, materiais didáticos, diários e projetos o cruzamento inter/transdisciplinar de trajetórias complexas que, afinal, caminham para a renovação do sentido do vivido, pluralizando a cultura escolar (FORQUIN, 1993; JULIA, 2001).

Os diários e projetos abrigados na plataforma digital obedeceram à proporção das escolhas refletindo as tensões, ambiguidades e tendências de cada núcleo escolar. Ainda que nos resultados, conceitos conflitantes estejam presentes, respeitou-se as várias combinações como mostra do convívio plural das propostas apresentadas.

No Curso GDE - UFABC a proposta de Educação a Distância permitiu o percurso não linear sugerido a partir de um Eixo Temático concebendo variáveis complexas que, por si, se constituem em camadas temáticas interessantes para percepção de tendências. O que se coloca como ponto de interesse a ser estudado, pois, é o teor da subjetividade individual que se expressa no valor coletivo. E como cada percurso feito na educação a distância é único, subjetivo, criativo, inovador e complexo, simultaneamente individual e coletivo.

Numa parte dos percursos no Ambiente Virtual de Aprendizagem, ganhou a primeira cena o conjunto de temas ligados à Diversidade e Gênero. E em outra parte, constatando a desproporção derivada das escolhas individuais frente ao contexto coletivo, predominou o tema do racismo no Eixo Relações Étnico-Raciais, ficando em um plano inferior as questões afeitas à Sexualidade. Fato que convida à perplexidade, dada a temática ainda ser um tabu que gera muitas omissões e/ou conflitos na cultura escolar.

Com isto, afirma-se que nas ambiguidades e insuficiências expressadas - não na sua homogeneização sempre idealizada - se dá a unidade da proposta e a inovação social da educação a distância que admite percursos não lineares, sintonizados com as linguagens em convergência na cultura digital e no universo cibercultural. Inescapável pois a consagração do princípio que preza pela variação o direito de discussão pública e ampliada dos temas polêmicos, mas interditos, que estão na ordem do dia e que trazem a educação a distância e a cibercultura como campo privilegiado de interlocução e criação coletiva.

O endereço do conjunto de informações, conteúdos, diários, projetos, enfim, das experiências compartilhadas na plataforma digital do projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE - UFABC) e disponibilizadas publicamente na internet remete à possibilidade de leituras e releituras de todos os eixos temáticos, sobrepostos, em

camadas, transversalizados, muitas vezes como expressões de culturas híbridas (CANCLINI, 2006, 2008, 2013). A comunhão desta alternativa visa estimular novas trocas e possíveis desdobramentos que permitam novos rumos a partir do que foi aferido nessa jornada, sem que se espere uma única resposta ou solução simplista para os problemas levantados nas comunidades. Assim, a educação a distância encara o desafio epistemológico, teórico e metodológico da complexidade de saberes (MORIN, 2011), evitando utilizar as tecnologias de informação e comunicação contemporâneas apenas para reproduzir percursos lineares, obrigando cursistas a fazerem somente roteiros pré-estabelecidos de atividades, com respostas gabaritadas e padronizadas, o que infelizmente, ainda é regra e acaba por anular muitas das potencialidades de criação e compartilhamento de experiências e de conhecimentos que certamente as potencialidades tecnológicas de comunicação na sociedade em rede já permitem há bastante tempo desenvolver.

A partir do momento em que entramos em contato com esses conhecimentos críticos, observamos nossa responsabilidade frente ao debate sobre questões culturais, educacionais, científicas e tecnológicas que poderão ter grande impacto se soubermos relacioná-lo às nossas vidas cotidianas e profissionais, problematizando nossas próprias identidades e subjetividades, especialmente nosso papel cultural e político na chamada sociedade em rede, de acordo com o sociólogo Manuel Castells (CASTELLS, 2005, p. 20).

Portanto, no contexto atual da cultura contemporânea, todos vivemos na sociedade em rede, queiramos ou não, conectados ou não, pois a lógica da vida contemporânea é definida por ela e pelos que têm poder para organizá-la. As ideias de Castells tratam diretamente sobre a necessidade de reformar o Estado e refundar a educação, para que a organização da sociedade em rede seja democrática. E nos perguntamos: isso é possível? Como os conhecimentos científicos e culturais, as tecnologias, as políticas públicas - especialmente as políticas educacionais e culturais - que criamos no contexto de uma cultura digital podem ter relação com isso? Certamente, a Educação a Distância é um caminho possível para iniciarmos nossas reflexões e transformarmos nossas práticas pedagógicas e as políticas culturais e educacionais.

Nosso desafio urgente no século XXI é compreender a importância da temática das diversidades culturais para a cultura escolar no contexto da cultura digital, numa perspectiva contemporânea de mediação de conflitos e de conhecimentos no âmbito da gestão de políticas públicas educacionais e culturais para a promoção de uma cultura de paz (DISKIN, 2008; DISKIN, ROIZMAN, 2008) em novas plataformas digitais.

Palavras-chave: diversidade; educação a distância; gênero; cultura escolar; cultura digital.

Referências bibliográficas

CANCLINI, N. G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. Leitores, espectadores, internautas. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed., São Paulo: EDUSP, 2013.

CASTELLS, M. “A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política”. In: A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política. (CASTELLS, M.; CARDOSO, G., orgs.) Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, pp. 17-30.

DISKIN, Lia; Vamos Ubuntar? Um convite para cultivar a paz. Brasília, DF: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008.

_____; ROIZMAN, Laura G. Paz, Como se Faz? Semeando cultura de paz nas escolas. 4ª ed., Brasília, DF: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008.

FORQUIN, Jean Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artmed, 1993.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”, Revista Brasileira de História da Educação, nº 1, jan./jul. 2001, pp. 9-43.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2011.

TESSER, “Tais Rodrigues. Sobre Ser Tutora do GDE UFABC.” In: Políticas & Direitos políticas públicas de formação docente em direitos humanos, gênero e diversidade na escola no Brasil (2006-2016). (KAMENSKY, A. P. S. O.; WAKS, J.; CONCHÃO, S.; SILVA, Z. B., orgs.) São Paulo: Editora Pontocom, 2016, pp. 65-68